

CARTOGRAFIAS E MAPAS COM LINGUAGEM FOTOGRÁFICA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA

Ernandes de Oliveira Pereira

ernandesopgeo@gmail.com¹

Resumo

O presente estudo é o resultado da cartografia de um experimento artístico (Oficina), “Portfólio de Imagens da minha Cidade”, realizado durante o cotidiano das aulas de Geografia ao longo do ano de 2016. Esse tipo de estudo exige outra noção de cartografia, e mapas. Nesse sentido, a cartografia é um método de acompanhamento de processos criativos em devir e os mapas como as relações entre os sujeitos com os acontecimentos que constituem os espaços dentro de uma perspectiva política, usando como referências teóricas a “Filosofia da diferença” de Gilles Deleuze e Félix Guattari. Os resultados demonstraram que é possível mobilizar outros pensamentos sobre espaço e lugar, mesmo dentro de um ambiente marcado por processos de subjetivação que padronizam a visão dos estudantes sobre um meio marcado por apelos turísticos. Os processos criativos foram provocados pela arte e fizeram os estudantes transcenderem os livros didáticos, os atlas, os globos terrestres, bem como as imagens veiculadas massivamente pelos meios de comunicações locais.

Palavras-chave: Método cartográfico; arte; geografias

Introdução: Espaço, lugar cartografia e mapas.

Espaço e lugar não são considerados aqui como superfícies ou como suportes em que todos os fenômenos naturais e humanos acontecem. Pensar o espaço e o lugar como superfícies, onde tudo se localiza, faz parte de um discurso político que pretende controlar o desafio da espacialidade (MASSEY, 2015). Uma espécie de aprisionamento dessas noções em parâmetros normativos que na atualidade seguem os princípios econômicos vigentes.

¹ É Doutor em geografia, pela Universidade Federal do Espírito Santo, membro do Grupo de Pesquisa POESI (Políticas Espaciais das Imagens e Cartografias), com sede em Vitória (ES) e professor em dedicação exclusiva do Instituto Federal de Educação, Ciência e tecnologia do Espírito Santo, campus Venda Nova do Imigrante. Esse trabalho é parte da tese de doutorado deste autor.



A noção de lugar também é afetada por esta noção que o considera como “algo fechado, coerente, integrado, como autêntico, como ‘lar’, um refúgio seguro” (MASSEY, 2015, p. 25). O lugar como superfície que abriga uma “identidade” única, quase eterna e vista como essência. Lugar em que não cabem outras possíveis histórias, outras narrativas, outras culturas. Derivam dessa forma de pensar expressões como “esse é o meu lugar”, “precisamos defender o nosso lugar”. De quem? Dos estrangeiros? Dos imigrantes? Dos refugiados? Não seria reduzir demais essa noção?

Por isso a noção de espaço que ancora esta pesquisa é fruto das inter-relações entre pessoas, sistemas e natureza em todas as escalas simultaneamente; como campo de possibilidades que permita a coexistência de múltiplas trajetórias, narrativas, histórias, estórias; como algo sempre em fase de construção, nunca acabado e delimitado (MASSEY, 2015). Dessa forma, o lugar é concebido como uma coleção dessas trajetórias que se cruzam, que se transpassam sem imobilizarem-se; sempre provocando outros movimentos outras trajetórias; não só de encontros e conexões, mas também de desencontros e desconexões de todas as relações entre pessoas, sistemas e natureza (MASSEY, 2015).

Nesse sentido, a metodologia adotada aproxima-se mais à cartografia como acompanhamento desses processos (BARROS; KASTRUP, 2015) políticos e cognitivos que interferem na constituição do pensamento sobre o espaço e lugar. O que interessa é saber como se dá o movimento de pensar sobre o espaço e lugar.

Nesse contexto a noção de cartografia afasta-se daquela apresentada pelos manuais e livros didáticos: como um conjunto de técnicas que constituem uma “linguagem exclusivamente visual e submetida às leis fisiológicas da percepção das imagens” (JOLY, 2007, p. 13); ou como “conjunto de técnicas e conhecimentos científicos que resultam na representação do espaço por meio de mapas, cartas, croquis, esboço, etc.” (ADÃO; FURQUIM JR.; 2013, p. 38). Essas são definições válidas e consagradas para a comunidade científica, entretanto, a ideia de cartografia, presente neste estudo, pode ir além da perspectiva gráfica e visual. O que se quer cartografar são os movimentos e fluxos contínuos do pensamento sobre o espaço e lugar, dentro de uma dimensão cognitiva e principalmente abstrata.

Nesse sentido o resultado dessa metodologia, que é chamada aqui de cartografia, não se resume a um mapa mental gráfico (desenhos, esboços e cartas) e sim à descrição dos processos

que desencadeiam e movimentam o pensamento dos estudantes sobre o espaço. Esses mapas podem ser gráficos, mas também comportamentais, orais, e podem se deslocar entre os limites da arte, da ciência e da filosofia. A cartografia passa a ser constituída por um conjunto de procedimentos metodológicos que acompanham esses processos de (des)(re)territorializações de pensamentos sobre o espaço e o lugar. O que interessa são as relações entre as artes, a ciência e a filosofia, sem que nenhuma delas tenha privilégio sobre a outra, porque cada uma é em si potência de criação (DELEUZE, 2013). Nenhuma é melhor ou mais importante do que a outra. É a partir desse pensamento sobre espaço, lugar, cartografia e mapa, que a linguagem fotográfica e seus signos artísticos, encontram importância como grandes mobilizadores do pensamento dos estudantes sobre o espaço e o lugar. Tudo é emissor de signos. Tudo pode ser submetido ao processo de aprendizagem. “É por esta razão que todos os signos convergem para a arte [...]. O essencial está nos signos da arte” (DELEUZE, 1987, p. 14). Com isso, os estudantes são forçados a entender o mundo que os cerca, compreender as pessoas, as lógicas que orientam as circunstâncias com que eles se deparam ao acaso. Nessa forma de ver, a atitude de “aprender diz respeito essencialmente aos signos” (DELEUZE, 1987, p. 04).

Não existe aprendiz que não seja ‘egiptólogo’ de alguma coisa. Alguém só se torna marceneiro tornando-se sensível aos signos da madeira, e médico tornando-se sensível aos signos da doença. A vocação é sempre uma predestinação com relação aos signos. Tudo que nos ensina alguma coisa emite signos. Tudo que nos ensina alguma coisa emite signos, todo ato de aprender é uma interpretação de signos ou de hieróglifos.(DELEUZE, 1987, p. 14) .

O aprendiz é submetido a situações provocadas pelos impactos dos signos da arte, que o forçam buscar o sentido, quando sofre uma violência (DELEUZE, 1987). É como alguém que ao viajar para um país estrangeiro é constantemente violentado pelos signos deste mundo, e forçado a aprender as tarefas mais simples do cotidiano daquele país.

Ao ser bruscamente transportado para um novo ambiente, os hábitos anteriores não servem e o viajante vive sucessivas experiências de problematização. Não se trata de mera ignorância mas de estranhamento e tensão entre o saber anterior e a experiência presente (KASTRUP, 2001, p. 17) .

Nessas circunstâncias, o processo de aprendizagem se concebe na ação de interpretar, decifrar e explicar no encontro com os signos da arte (DELEUZE, 1987). Busca-se por



narrativas que possibilitem pensar sobre os signos dos mundos ou uma invenção de narrativas a partir deles. Aprender é inventar trajetórias, criar histórias, sempre com e sempre a partir de.

Portanto o que se pretende é cartografar processos de criação de outras narrativas do espaço e lugar sobre a região serrana turística do Espírito Santo, a partir da linguagem da fotografia, mesmo dentro de um contexto de aprendizagem de um Instituto Federal de Educação como nos cursos técnicos integrados ao ensino médio.

Imagens, imprensa e processos de subjetivação.

Antes da implementação da oficina “Portfólio de Imagens da minha cidade”, foi necessário conhecer os tipos de imagens e seus respectivos discursos, amplamente divulgados pelos meios de comunicação locais, como revistas, jornais impressos e sites. Que imagens bombardeiam os estudantes dessa região serrana turística do Espírito Santo todos os dias?

Folheando revistas e jornais locais do município de Venda Nova do Imigrante (ES), situado na região serrana do espírito Santo, foi possível constatar uma grande diversidade de fotografias antigas que apresentam uma narrativa central e única: o pioneirismo, o sofrimento e a superação dos imigrantes italianos que ali chegaram no final do século XIX e início do século XX. Nomes de ruas, de bairros e de estabelecimentos comerciais fazem referências às famílias desses heróis pioneiros. Além disso, para divulgar e consolidar cada vez mais essa narrativa, as fotografias se constituem como um recurso muito usado pela imprensa local, como o Jornal Folha da Terra, a Revista Folha Nova e a Revista Folha da Polenta, todas pela editora Folha da Terra. As reportagens sempre giram em torno da cultura italiana a partir de várias temáticas, como a história de ocupação, os costumes, as vestimentas, as manifestações religiosas e as mudanças paisagísticas e arquitetônicas dentro de uma perspectiva de “progresso e evolução”.

Além disso, as fotografias se adequam ao meio de distribuição de informações e propagações (FERRAZ, 2017, p. 67) dessa narrativa. Como as revistas e jornais especiais (FOTOS 1, 2 e 3) distribuídas gratuitamente em uma grande festa tradicional que ocorre todos os anos na cidade em dois finais de semana do mês de outubro. Evento que atrai muitos turistas de várias partes do Brasil e cujos recursos arrecadados são repassados para o Hospital do município e para outras obras sociais.

Foto 1 - Capas da Revista Folha da Polenta.



Revista Folha da Polenta (2015) e (2016).

Foto 2 - Famílias tradicionais do município e suas vestimentas da época.



Revista Folha da Polenta (2015).

Foto 3 - Desfile nas ruas com roupas típicas.



Revista Folha da Polenta (2015).



As fotografias são bem produzidas e chamam a atenção pela disposição das luzes, pela intensidade das cores e sempre apresentando pessoas sorridentes, dançando e vestidas com roupas típicas que lembram aquelas que foram usadas pelos antepassados europeus do final do século XIX e início do século XX. Além disso, há destaque também para a culinária italiana (polenta, massas, embutidos e vinhos) que é amplamente divulgada e vendida durante toda a festa.

Há uma grande lacuna sobre o destino dos ex-escravos (FOTO 4) após a assinatura da Lei Áurea de 13 de maio de 1888:

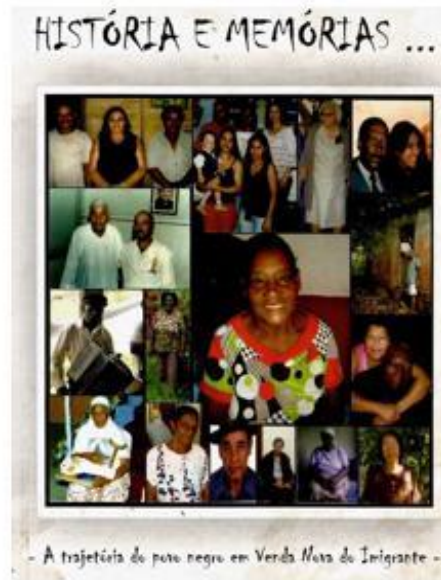
libertou os escravos, mas deixou-os à margem do caminho, sem terra, sem trabalho, sem escolas, sem emprego, entregues à própria sorte. De que lhes adiantou a liberdade sem ter o que fazer, sem ter para onde ir? A maioria deles voltou à condição de escravos” (FALCHETTO, 2017, p. 25).

Foto 4 - Descendentes dos escravos que habitaram Venda Nova do migrante/ES.



Jornal Folha da Terra (1996).

Foto 5 - Capa do livro de memórias dos afrodescendentes do município de Venda Nova do Imigrante/ES.



MOREIRA, 2010.

Diante dessa realidade, houve um exemplo de tentativa de resgatar a narrativa do povo africano e de seus descendentes nessa região. Foram publicados 200 exemplares do livro “Histórias e Memórias: a trajetória do povo negro em Venda Nova do Imigrante” (Foto 5) organizado pela historiadora Célia Januário Moreira (2010) em parceria com os estudantes do terceiro ano do ensino médio de uma escola pública estadual. Uma coletânea de depoimentos e fotos de afrodescendentes, de famílias tradicionais da região. Uma maneira de fortalecer, de trazer à luz cenas, práticas e políticas pouco aparentes ao que é ofuscado (WUNDER, 2011, p. 166) pela grande variedade de imagens fotográficas que destacam a cultura dos imigrantes italianos.

A mesma ausência também ocorre em relação a presença dos indígenas na região. Nas publicações locais existe apenas a menção de que algumas formações rochosas e nomes de regiões receberam toponímias de origem indígena, apesar de alguns documentos históricos apontarem a existência de dois aldeamentos que aprisionaram, disciplinaram e escravizavam os índios Puris em Domingos Martins e Conceição do Castelo (FONTAN, 1998). Sobram apenas relatos de artefatos antigos (FOTO 6) que foram encontrados pelos descendentes de italianos em suas propriedades e que foram expostos em um museu da cidade (JORNAL FOLHA DA TERRA, 1996).

Foto 6 - Exibição de artefatos que "supostamente" evidenciam a presença dos povos indígenas antes da chegada dos imigrantes.



Jornal Folha da Terra (1996).

Esse é o contexto em que os estudantes dos cursos técnicos do Instituto Federal de Educação do Espírito Santo estão inseridos. Eles vivenciam esses processos de subjetivação todos os dias. O que justifica a urgência em buscar condições favoráveis para a expressão de outras visibilidades, de outros sentidos a partir das linguagens das artes (WUNDER, 2011).

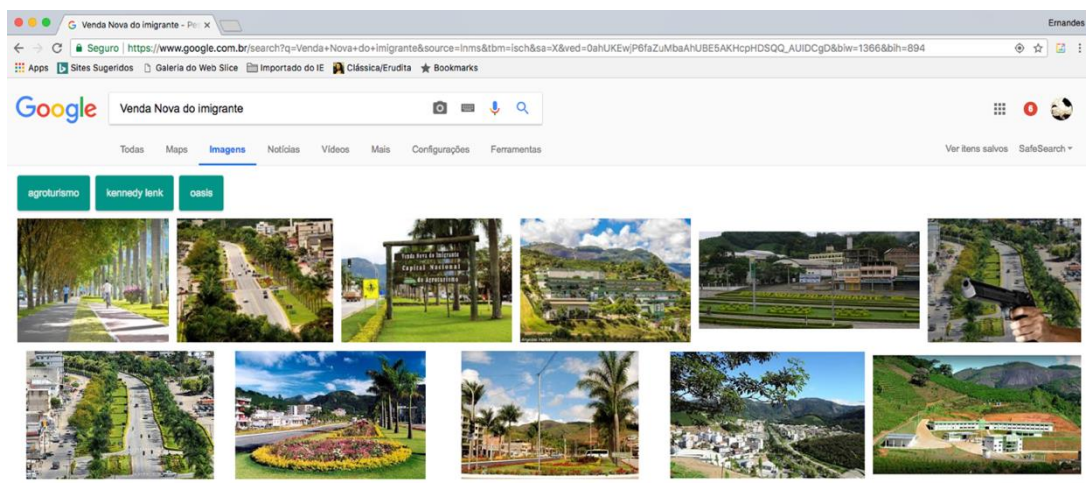
Cartografia e mapas com fotografias: outras aberturas para outras narrativas, outras geografias.

A partir dessa contextualização, cabe agora apresentar a oficina “Portfólio de imagens da minha cidade”, desenvolvida com os alunos do 2º ano do curso técnico integrado ao ensino médio de administração do Instituto Federal de Educação. Era o final do ano letivo de 2016. O trabalho consistia em apresentar a cidade onde os estudantes moravam apenas por uma coleção de fotografias. Ficaram livres para usarem qualquer fonte, seja ela digital ou impressa. Além disso, os estudantes também deveriam tirar suas próprias fotografias de qualquer parte da cidade ou pessoas, ou coisas, que considerassem importantes. O tema que orientou os trabalhos dos alunos foi: “O espaço urbano do mundo contemporâneo” (SENE; MOREIRA, 2013). Entretanto, foram orientados a não utilizarem o livro didático como fonte de pesquisa.

Os processos de seleção, produção e ordenamento das imagens, duraram aproximadamente 4 tempos de aulas de 50 minutos, dentro do laboratório de Informática, além dos momentos extraclasses, para a produção das fotografias. Após esse processo os trabalhos foram apresentados dentro do Laboratório de Cartografia Geográfica e gestão socioambiental, onde as carteiras foram dispostas em dois semicírculos, e a frente à disposição dos alunos, um computador conectado à internet, com projetor e TV de 42 polegadas à disposição. Somente após um sorteio prévio dos grupos, que as imagens das cidades de Conceição do Castelo, Afonso Cláudio e Venda Nova do Imigrante perfilaram-se pelo telão e pela tv.

Havia uma disputa entre os grupos. Parecia que os estudantes queriam mostrar qual cidade tinha mais atrativos para receber os turistas. Praças, Igrejas, jardins, avenidas principais, montanhas e monumentos foram apresentados. Todas as fotografias pesquisadas eram da internet e se repetiam exaustivamente entre os trabalhos. Enquadramentos, panorâmicas e seleção daquilo que seria mostrado eram cópias fiéis, disponíveis da internet, especificamente do buscador de imagens da empresa Google® (FOTO 7).

Foto 7 – Imagens usadas pelos estudantes, a partir do buscador Google.



Disponível em www.google.com.br> Acesso em outubro de 2016.

Foi possível constatar que as imagens selecionadas tinham o caráter documental em situações que poderiam ser vistas no cotidiano (OLIVEIRA JR., 2009, p. 15). A escola, os estudantes e professores são bombardeados por essas imagens, que não são questionadas: quem as fotografou? Qual era a intenção do autor daquela fotografia? As imagens da internet,



intensificaram o processo de despolitização das mesmas, enfatizando a beleza, a paisagem-mercadoria, o lugar-mercadoria e o espaço-mercadoria. Isso se dá porque:

A imagem em mídia digital, é herdeira de uma tradição visual, que irá influenciar os seus possíveis usos e interpretações. Basta verificar o emprego freqüentemente dado às máquinas fotográficas e videográficas digitais: registro de coisas e eventos cotidianos voltados a servirem de suporte da memória (PARRA, 2011, p. 182).

Dessa forma, na sociedade atual constantemente conectada pela internet, torna-se difícil libertar-se do poder influenciador dessas imagens. Elas naturalizam-se a ponto de aparecerem de forma espontâneas nos trabalhos dos estudantes do ensino básico. De forma sutil e efetivo,

estas imagens estão a gafar em nós pensamentos sobre o espaço geográfico. Impregnados no visual, nos chegam também sentidos para estes lugares, maneiras de significações uns em relação aos outros, propondo-nos raciocínios e imaginações acerca de cada um deles e das relações que existem entre eles (OLIVEIRA JR., 2009, p. 10).

Essas imagens agenciam as subjetividades dos alunos e professores. Determinam até mesmo os enquadramentos, o que deve ser incluído ou excluído na fotografia. Educam o olhar, no sentido de serem aceitas incondicionalmente. Delimitam a maneira de mapear os espaços e lugares como processos de decalques. Sem vida, sem movimento, sem conflitos, sem política como se fossem estátuas que glorificam a máxima verdade do mundo contemporâneo. Essas imagens “acabam funcionando como um dispositivo de interpretação e, ao mesmo tempo, de produção de legitimidade” (PARRA, 2011, p. 187).

Entretanto, o trabalho de duas alunas causou certa inquietação nos estudantes. Elas trouxeram imagens (FOTO 08) que eram diferentes de tudo que foi visto até aquele momento. Além de suas próprias fotografias, havia dois textos, um lido em voz alta, retirado de um filme chamado de “Lembranças”, de 2010, com atuação de Robert Pattison, dirigido por Allen Couter e escrito por Will Fetters, um drama que trata de perdas familiares, ligadas ao suicídio. E outro posto nas legendas, criando um ambiente bem dramático e reflexivo. Alguns alunos, nativos da cidade de venda Nova do Imigrante, não reconheceram os lugares fotografados. Porque esses espaços revestiram-se de outros significados. Enquadramentos que não aparecem na internet. Causaram a estranheza e mobilizaram os pensamentos dos alunos sobre o espaço e o lugar.

Foto 8 - Sequência de imagens da apresentação das estudantes sobre a cidade.



Fotografias produzidas pelas estudantes durante a Oficina “Portfólio de Imagens da minha cidade” (2016).

O título também foi desafiador “Nos, a cidade, Nos-sa, cidade?” Que remete pensar em muitos sentidos. As duas ressaltaram sua condição de estrangeiras naquela cidade, onde em



cada fotografia revelava-se detalhes de um cotidiano, que não aparecem nas imagens difundidas pelos meios de comunicações. “Nos” também remete ao pensamento dos “nós” que ainda precisam ser desatados na cidade. A composição das fotos criou outras narrativas sobre a cidade. Outras maneiras de contar a sua história e de pensar sobre o espaço.

Os closes, os sorrisos, o flagrante do cachorro, o lixo e o muro, a escadaria da famosa igreja central de São Pedro, provocaram as imaginações dos estudantes que assistiam à apresentação. Nem mesmo os textos lidos foram reconhecidos por aqueles que assistiram ao filme. As fotografias movimentaram o pensamento pelo encontro delas com os outros estudantes (WUNDER, 2011). Despertaram indagações: “que cidade é essa?” É a mesma que cada estudante passa todos os dias quando saem de suas casas e se dirigem para a escola. Eles não reconheceram esse lugar. Brotaram em suas mentes cidades imaginárias, lugares abstratos que por breves instantes, durante aquela apresentação, fez com que eles se libertassem das amarras da subjetivação dos meios de comunicação ancorados por políticas econômicas ligadas ao capitalismo. Por breves momentos, o professor-estrangeiro renovou suas esperanças de que a arte pode criar micropolíticas, que pode elevar os estudantes dos cursos técnicos para além daquilo que é dado, posto e imposto pelas regulamentações, pelo currículo endurecido, pela necessidade de formar técnicos que simplesmente reproduzem comportamentos na sociedade.

As autoras não fizeram questão de explicar o que era cada fotografia. Deixaram que a plateia fizesse esse trabalho. Os signos da arte provocaram o pensamento dos estudantes para a essência máxima da diferença (DELEUZE, 1987). As autoras apenas afirmaram que não houve um roteiro e que a necessidade de tirar as fotos foi surgindo durante as caminhadas. A máquina estava sempre preparada para o devir. “O andar do vagabundo permite minar coisas no espaço geográfico que o olhar ‘escolar’ talvez reais aceitam, ônus do ‘acerto e errado’, da rigidez da escola que constrói; um ‘caminho reto’” (MARQUES; SGOBIN, 2014, p. 187).

As cenas não representavam o congelamento de um instante, não eram apenas registros de memórias, constituíam “obras de uma linguagem, da linguagem fotográfica, que poderia ser arrastada a potencialidade mais ampla se tomada como força expressiva — fabuladora — de novos pensamentos” (OLIVEIRA JR.; SOARES, 2012, p. 116). E aí está a potência e não no encadeamento de assuntos e imagens, porque o que se quer é que o estudante que passeie pelas possibilidades de criar ficções (MARQUES; SGOBIN, 2014).

Ao final da apresentação, após esse turbilhão de ondas de pensamentos, dirigidos pela imaginação provocados pelas fotografias, houve silêncio. Os alunos olhavam para o professor e se perguntavam se o que via era o certo. Silêncio que depois de um certo tempo foi interrompido pelas palmas, puxadas pelo professor. E que foi seguido por muitas indagações por parte dos alunos. A arte cumpriu o seu papel: o de mobilizar seus pensamentos sobre o espaço/lugar para além das imagens-clichês.

Considerações Finais

Durante o processo de elaboração (seleção, produção e composição) e apresentação dos resultados, foi possível constatar como as narrativas externas que exortam os aspectos turísticos, bem como a visão da fotografia como repositório de imagens, estão presentes na maneira de ver o espaço/lugar dos estudantes.

Entretanto a arte da fotografia permitiu também ver que os processos de subjetivação podem ser subvertidos, podem ser quebrados, podem ser ultrapassados. O trabalho “Nos, a cidade, Nós e a cidade?” de duas estudantes provocou o silêncio, a desordem, outras narrativas, outras possibilidades de geografias. Criou instantes de reflexão que fez com que os alunos imaginassem que aquelas fotografias se relacionavam com outras cidades, imaginárias. Nesse momento, a linguagem da arte fotográfica agenciou um comportamento semelhante ao dos artistas poetas, por exemplo. A fotografia deixou de ser apenas um registro em um papel sem vida, para transformar-se em

um resto que contém uma potência de criação de sentidos ao mesmo tempo *corpóreos* e *incorpóreos*, sentidos que vivem e morrem entre a intenção de deixar marcas e a imprevisibilidade que se faz pela própria linguagem fotográfica. No ato de pensar *por* fotografias, escorregar por esse *entre-lugar*, um *entre* indefinido que gera o *acontecimento* como *quase*, como força indizível – o sentido último que nunca se alcança – e no padecer da impossibilidade, quem sabe, palavras outras, sentidos outros. Focar esse justo desequilíbrio, essa pulsação vibrátil que não nos possibilita dizer onde está a linha que separa uma coisa e outra, numa criação de sentidos que se faz entre a finitude e a infinitude do tempo. Quase morte, fio de vida e pulsar (WUNDER, 2011, p. 171)

Esse agenciamento entre a ciência geográfica e a linguagem fotográfica como arte, é que pode mover o tipo de pensamento sobre o espaço e lugar, para além do livro didático. É a aposta dessa pesquisa. De criar situações para uma educação geográfica por rizomas. Por



infinitas possibilidades de conexões. De ampliar a ideia sobre a cidade, sobre a urbanização incluindo a experiência do corpo. Como foi para as estudantes que posaram diante das suas fotografias em lugares e detalhes incomuns para o senso comum.

Talvez seja essa a saída para que a educação geográfica crie situações em que mais subjetividades individuais seja estabelecidas, para que outras possibilidades de geografias sejam geradas, mais alinhadas à perspectiva da criatividade, de criação de problemas, além da simples resposta dos mesmos. Sempre no sentido de mobilizar todas as faculdades da inteligência e da imaginação do ser humano, que são responsáveis pela sua consolidação como ser que também faz parte da natureza como criação e co-criador.

Referências Bibliográficas

ADÃO, Edilson; FURQUIM JR., Laercio. **Geografia em rede**, vol. 1. 1. ed. São Paulo: FTD, 2013.

BARROS, Laura Pozzana; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In.: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Orgs.). **Pistas do Método de Cartografia**. 4ª reimpressão. – Porto Alegre: Editora Sulina, 2015.

DELEUZE, Guilles. **Proust e os Signos**. Traduzido por A. C. Piquet e R. Machado. – Rio de Janeiro: Editora Graal, 1987.

DELEUZE, Guilles. **Crítica e Clínica**. Traduzido por Peter Pál Pelbart. – São Paulo: Editora 34, 2ª edição, 1ª reimpressão, 2013.

FALCHETTO, Benjamim. **O tesouro escondido**. – Venda Nova do Imigrante, ES: Edição do autor, 2017.

FERRAZ, Cláudio Benito O. Arte, Imagem e Geografia: Desafios e Temores para o Pensar. In.: NUNES, Flaviana Gasparotti, NOVAES, Ínia Franco de (orgs.). **Encontros, derivas, rasuras: potências das imagens na educação geográfica / Organizado por**. — Uberlândia (MG): Assis Editora, 2017.

JOLY, Fernand. **A cartografia**; tradução de Tânia Pellegrini. – Campinas, SP: Editora Papyrus, 10ª edição, 136p., 2007.

JORNAL FOLHA DA TERRA. **Projeto conhecendo Venda Nova do Imigrante (ES)**.— Venda Nova do Imigrante, ES: Editora Folha da Terra, 1996.

KASTRUP, Virgínia. **Aprendizagem, Arte e Invenção**. Psicologia em Estudo, Maringá, v.6, n.1, p.17-27, 2001.

MARQUES, Ivânia; SGOBIN, Alexsandro. **Entre imagens**. revista Geografares, Edição especial, p. 182-192, janeiro-agosto, 2014.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Tradução de Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert. -- 5ª edição -- Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 314p., 2015.

MOREIRA, Celina Januário (orgs.). **História e memórias**: a trajetória do povo negro em Venda Nova do Imigrante. – Venda Nova do Imigrante, ES: Edição da Prefeitura Municipal de Venda Nova do Imigrante (PMVNI), 183p., 2010.

OLIVEIRA JR., Wenceslao Machado de. **Fotos em sites**: geografia da cultura contemporânea. Revista Geografares, n. 07, 2009.

OLIVEIRA JR., Wenceslao Machado de; SOARES, Elaine dos Santos. **Fotografias didáticas e geografia escolar entre evidência e fabulações**. Revista Percursos, Florianópolis, v.13, n.02, p. 114-133, jul/Dez, 2012.

PARRA, Henrique Z. M. Conhecimento e imagem: crítica informacional entre o visível e o invisível. In.: AMORIM, Antônio Carlos; GALLO, Sylvio; OLIVEIRA JR., Wenceslao Machado de (orgs.) **Deleuze e imagem e pensamento...**— Petrópolis, RJ: De petrus: Brasília, DF: CNPq, 2011.

REVISTA FOLHA DA POLENTA, edição 26 para a 37º Festa da Polenta. – Venda Nova do Imigrantes, ES: Editora Folha da Terra, outubro de 2015.

REVISTA FOLHA DA POLENTA, edição 27 para a 38º Festa da Polenta. – Venda Nova do Imigrantes, ES: Editora Folha da Terra, outubro de 2016.

SENE, Eustáquio de; MOREIRA, João Carlos. **Geografia geral e do Brasil**: espaço geográfico e globalização, vol. 1. -- 2ª edição reformulada. 246 p.-- São Paulo: Scipione, 2013.

WUNDER, Alik. Fotografias, restos quase mortais. In.: AMORIM, Antônio Carlos; ; GALLO, Sylvio; OLIVEIRA JR., Wenceslao Machado de (orgs.). **Conexões**: Deleuze e imagem e pensamento e.... – Petrópolis, RJ: Editora De Petrus; Brasília, DF: CNPq, 232p., 2011.